



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 182 | Volume 22 | 2025

**O Rito Amazônico na Igreja Católica:
contexto, desafios e propostas**

José F. Castillo Tapia

Cadernos *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 182 | Volume 22 | 2025

O Rito Amazônico na Igreja Católica: contexto, desafios e propostas

José F. Castillo Tapia

Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Espiritualidade Inaciana pela Pontifícia Universidad Comillas e em Educação pela Universidad Pontificia de Salamanca (Espanha)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 182 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Isaque Gomes Correa

Imagem da capa: Pixabay

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

O Rito Amazônico na Igreja Católica: contexto, desafios e propostas

José F. Castillo Tapia

Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Espiritualidade Inaciana pela Pontifícia Universidad Comillas e em Educação pela Universidad Pontificia de Salamanca

INTRODUÇÃO

O Sínodo para a Amazônia, realizado em 2019, destacou o anseio por uma Igreja com “rosto amazônico”. Entre suas propostas, surgiu a criação de um rito amazônico próprio, ou seja, uma forma inculturada de celebrar a fé católica que responda à realidade dos povos indígenas e de todas as populações da Amazônia¹. A região amazônica compreende um vasto território plurinacional (Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Bolívia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa) e abriga centenas de povos e línguas, cada qual com 1 Papa Francisco, *Querida Amazonia: Exhortación Apostólica Postsinodal*, Vatican News, 2 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2020-02/querida-amazonia-papa-francisco-exhortacion.html#%3A~%3Atext=un%20esfuerzo%20de%20%E2%80%99Cinculturaci%C3%B3n%20de%20puede%20convertirse%20en%20una%20%E2%80%99Caduana%E2%80%9D>.

sua rica cosmovisão, espiritualidade e expressões simbólicas.

A proposta de um rito amazônico nasce da convicção de que a liturgia católica pode se encarnar nas culturas locais sem perder a essência da fé, permitindo que os povos originários não sejam apenas espectadores, mas protagonistas da celebração cristã. Mais do que buscar sincretismos superficiais, trata-se de uma verdadeira síntese inculturada: uma liturgia católica autêntica, fiel ao Evangelho, que integre linguagens, símbolos, gestos e expressões culturais da Amazônia – tanto dos povos indígenas quanto dos ribeirinhos, caboclos, quilombolas e habitantes urbanos com raízes amazônicas.

O Papa Francisco já afirmou que “é possível acolher de alguma forma um símbolo indígena sem o considerar necessariamente como idolatria”², sublinhando que a interculturalidade bem compreendida não é paganismo, mas enriquecimento da Igreja com os ‘gêrmenes do Verbo’ presentes nas culturas. Neste texto, exploraremos os antecedentes históricos da proposta de um rito amazônico, seus desafios e possibilidades, as controvérsias que suscitou e as principais propostas já surgidas. Para isso, iremos nos basear no Magistério da Igreja (Concílio Vaticano II, *Querida Amazônia*, documentos sinodais), na voz de bispos amazônicos (como Erwin Kräutler e Cláudio Hummes) e na reflexão de teólogos da interculturalidade (como Paulo Suess, Eleazar López e Severino Sendón).

2 “La exhortación sinodal zanja la polémica de la pachamama”, *Vida Nueva Digital*, 13 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vidanuevadigital.com/2020/02/13/la-exhortacion-sinodal-zanja-la-polemica-de-la-pachamama/#:~:text=Francisco%20en%20su%20d%C3%ADa%20conden%C3%B3,sin%20calificarlo%20necesariamente%20de%20idolatr%C3%ADa%E2%80%9D>.

INCULTURAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

A proposta do rito amazônico exige compreender bem dois conceitos muitas vezes confundidos: inculturação e interculturalidade³.

Inculturação é o processo pelo qual o Evangelho se encarna em uma cultura concreta, assumindo seus elementos, expressões e símbolos, purificando-os à luz de Cristo e dando-lhes novo sentido. É um movimento teológico e missionário que parte da fé cristã e busca traduzi-la na linguagem dos povos. Foi amplamente defendido pelo Concílio Vaticano II, que reconheceu o valor das culturas locais na liturgia e na vida da Igreja.

Interculturalidade, por sua vez, é um conceito mais recente e antropológico, que enfatiza o fato de que todas as experiências humanas – inclusive a fé – são vividas culturalmente. Ou seja, não há cristianismo “puro” ou “neutro”; todo modo de viver a fé já está culturalmente condicionado. A interculturalidade reconhece que a própria Igreja já nasce situada culturalmente, e que há uma pluralidade legítima de formas culturais de ser cristão.

Enquanto a inculturação é um caminho consciente de diálogo entre fé e cultura, a interculturalidade lembra que esse diálogo é inevitável, pois não existe fé sem cultura. No contexto amazônico, isso significa que não se parte do zero: os povos da Amazônia já têm suas espiritualidades, seus ritos, suas narrativas e linguagens simbólicas. O desafio da Igreja é reconhecer

³ Maurizio Gronchi, “Inculturação e interculturalidade: desafios sinodais amazônicos. Entrevista com Maurizio Gronchi”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2020. Disponível: <https://ihu.unisinos.br/594165-inculturacao-e-interculturalidade-desafios-sinodais-amazonicos-entrevista-com-maurizio-gronchi>

esses elementos como lugar teológico e discernir como integrá-los no culto cristão, sem colonizar nem diluir, mas dialogar.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E TRANSRELIGIOSO: CHAVES PARA UM RITO CATÓLICO COM ROSTO AMAZÔNICO

O Concílio Vaticano II, na declaração *Nostra Aetate* (1965), instituiu o diálogo inter-religioso como caminho de respeito e cooperação entre religiões constituídas, sem que nenhuma delas abdique de sua identidade própria – base para a construção de fraternidade e cuidado da casa comum⁴. Nas últimas décadas, teólogos latino-americanos ampliaram esse horizonte falando em diálogo transreligioso: um encontro “entre e além” das fronteiras confessionais, onde símbolos e experiências espirituais se entrelaçam e dão origem a expressões híbridas de fé⁵. As duas modalidades não competem; antes, formam etapas complementares de um mesmo processo de interculturalidade.

Na Amazônia, o inter-religioso manifesta-se quando agentes pastorais da Igreja caminham lado a lado com pajés e lideranças indígenas, aprendendo suas línguas, defendendo seus territórios e reconhecendo a dignidade de suas cosmologias. Organismos como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) fazem dessa escuta mútua a condição para qualquer anúncio evangélico, superando a lógica colonial e lançando pontes

4 “*Nostra Aetate: The Leaven of Good. The Film*”. Disponível: https://www.dicasteryinterreligious.va/nostra-aetate/?utm_source=chatgpt.com

5 Gilbraz de Souza Aragão, “O dom do diálogo”, *Fronteiras*, Recife, v. 4, n. 2, p. 508-532, jul./dez., 2021. p. 510-515.

de confiança⁶. Esse respeito recíproco é o alicerce ético sem o qual nenhuma interculturalidade litúrgica seria legítima.

O passo seguinte, muitas vezes espontâneo, é o transreligioso: na vida cotidiana de ribeirinhos e caboclos, o sagrado circula sem muros rígidos. Aqui, a troca não é apenas diálogo “lado a lado”, mas uma verdadeira fusão simbólica que aponta para a pluralidade criativa da região.

Também em espaços institucionais esse dinamismo aparece: na abertura do Sínodo para a Amazônia, indígenas, frades e o Papa Francisco participaram de um ritual de agradecimento à terra nos Jardins Vaticanos, onde cantos nativos, oração do Pai-Nosso e oferendas como o anel de tucum compuseram um único gesto espiritual compartilhado⁷. O episódio, embora polêmico para alguns, mostrou que a Igreja pode celebrar a fé cristã integrando símbolos indígenas sem perder sua identidade. Mello diz:

Nos fóruns inter-religiosos convivem dois modelos: os que concebem os encontros como um compartilhar a partir das identidades, defendendo o valor sagrado ou irrenunciável da diversidade, e os que concebem que caminhamos em direção a uma transreligião ou metareligião capaz de abraçar todas as religiões atuais para além de suas diferenças. Ambas as mentalidades são chamadas a conviver. Ambas são necessárias: a união sem diferen-

6 Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Disponível: https://cimi.org.br/o-cimi/?utm_source=chatgpt.com

7 Daniel Ibáñez, “Ritual indígena realizado na presença do Papa hoje no Vaticano”. Disponível: https://www.acidigital.com/noticia/42309/ritual-indigena-realizado-na-presenca-do-papa-hoje-no-vaticano?utm_source=chatgpt.com

ça leva à absorção e à dissolução em um todo impessoal e sem contornos, enquanto a diferença sem união é mera justaposição⁸.

O desenvolvimento do rito amazônico requer, portanto, ambas as formas de diálogo aqui discutidas. Por um lado, o diálogo inter-religioso fornece o fundamento: é graças a ele que se constroem a confiança mútua e o conhecimento recíproco necessários para toda e qualquer inculturação autêntica. Sem um diálogo respeitoso entre Igreja e povos indígenas, o risco seria uma apropriação superficial ou desrespeitosa de elementos culturais. É preciso primeiro *dialogar como bons vizinhos*, católicos e indígenas lado a lado, para que haja compreensão e valorização dos símbolos de cada um. Por outro lado, a concretização de um rito amazônico implica um passo transreligioso: a Igreja vai *além* do mero entendimento e realmente integra certos elementos indígenas em sua vida ritual. Aqui, o que era diálogo torna-se síntese celebrativa – não uma mistura sem critério, mas a incorporação deliberada e orante de gestos, músicas ou símbolos indígenas na liturgia católica. Trata-se de um encontro profundo, transformador para ambas as partes: a liturgia católica se enriquece e ganha um “rosto amazônico”, enquanto as espiritualidades originárias veem seus valores reconhecidos e ressignificados à luz de Cristo.

1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

1.1 Evangelização e inculturação na Amazônia

A presença da Igreja Católica na Amazônia remonta ao período colonial, quando missionários evange-

8 Javier Melloni, “Para qué el diálogo interreligioso?”, *Espiritualidad para hoy. Razón Y Fe*, 256, (1308-1307), 2007, p. 103.

lizaram os povos indígenas. Durante séculos, a liturgia celebrada nas terras amazônicas era exclusivamente do rito romano, trazido pelos europeus. As línguas nativas e as expressões culturais locais foram, em grande medida, excluídas das celebrações. O modelo litúrgico era eurocêntrico e homogêneo, distante da cosmovisão dos povos originários.

Entretanto, já a partir da metade do século XX, foi crescendo a consciência missionária de que o Evangelho precisa ser anunciado em diálogo com as culturas locais. O Concílio Vaticano II (1962-1965) marcou um ponto de inflexão ao reconhecer a legítima diversidade na Igreja. A constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia abriu as portas para a inculturação litúrgica (hoje falaríamos melhor de inculturalidade) ao afirmar que a Igreja não pretende impor uma rígida uniformidade em questões que não toquem a fé ou o bem de toda a comunidade e que valoriza e promove o gênio e as qualidades específicas de cada povo e cultura.

Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolúvelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantém-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico (SC 37).

O Concílio permitiu adaptações legítimas dos ritos para diferentes grupos e culturas, sobretudo em “terras de missão”, e encorajou as Conferências Episcopais a promoverem experiências litúrgicas, sempre em co-

munhão com a Sé Apostólica. Essa abertura inspirou muitas igrejas locais da América Latina a refletirem sobre uma evangelização encarnada nas realidades dos pobres e das culturas locais.

Paulo Suess fala de uma “Igreja autóctone” e de uma liturgia que brotasse da vida dos povos. Porém, os avanços concretos na liturgia inculturada na Amazônia foram limitados⁹. Apesar do uso crescente das línguas vernáculas e de alguns cantos locais, a estrutura ritual das missas seguiu sendo, na maioria dos casos, a do rito romano tradicional.

Mesmo assim, surgiram experiências pontuais inculturadas na Amazônia: em comunidades do Brasil e do Peru, integraram-se cantos em línguas indígenas e gestos simbólicos como o uso da maracá (sonaja), da água de rio, da terra, do couro pintado, ou da dança ritual nos momentos de oração. Essas iniciativas, embora proféticas, careciam de reconhecimento formal amplo.

Na memória eclesial amazônica, destaca-se o Encontro de Santarém (Brasil, 1972), onde bispos da região lançaram a ideia de uma “Igreja com rosto amazônico” (n. 1). Inspirados pelo Concílio Vaticano II, propuseram uma Igreja encarnada nas culturas locais, com fortes ministérios leigos, especialmente diante da escassez de presbíteros, e sugeriram que a liturgia precisaria ser adaptada à sensibilidade dos povos da floresta. Essas propostas seriam retomadas cinquenta anos depois, com nova força.

9 Conselho Indigenista Missionário (CIMI), *Cimi.org.br*, fevereiro de 2011. Disponível :<https://cimi.org.br/2011/02/31652/>

Um exemplo inspirador fora da Amazônia também ajudou a imaginar o possível: o chamado rito zaireense (ou congolês). Após o Concílio, a Igreja no então Zaire (hoje República Democrática do Congo) desenvolveu uma forma inculturada do rito romano, incorporando música, dança e formas de oração africanas. A Santa Sé aprovou oficialmente o rito em 1988, e o Papa Francisco o considera um “modelo promissor” também para a Amazônia¹⁰.

Francisco declarou, em 2020, sua esperança de que o rito amazônico venha a ser o segundo rito inculturado aprovado pela Igreja latina após o Concílio Vaticano II. Temos aí um sinal explícito de reconhecimento e incentivo¹¹.

1.2 O Sínodo para a Amazônia (2019)

A ideia de um rito amazônico ganhou força com a convocação do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, realizado em Roma em outubro de 2019. Com o tema “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, o Sínodo surgiu de um longo processo de escuta nas comunidades. Milhares de indígenas, ribeirinhos, missionários, quilombolas e outros agentes pastorais expressaram seus desejos: que a Igreja seja uma verdadeira aliada dos povos amazônicos, que valorize sua espiritualidade e que a fé não seja imposta com roupagens estrangeiras, mas se aproxime das culturas locais.

10 “Papa: o rito zaireense, caminho promissor para um rito amazônico”, *Vatican News*, 2020. Disponível: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/papa-o-rito-zaireense-caminho-promissor-para-um-rito-amazonico.html>

11 *Ibid.*

Durante o Sínodo, muitos participantes destacaram a distância entre a liturgia habitual e a sensibilidade dos povos amazônicos. O padre indígena zapoteca Eleazar López Hernández, teólogo da teologia indígena, afirmou que chegou o tempo de uma nova relação entre Igreja e povos originários: “já não é tempo de relações assimétricas e injustas... é hora de nos tratarmos como irmãos”¹². Segundo ele, a Igreja precisa “recuperar a diversidade” que é parte de sua riqueza, e, na liturgia, “é necessário termos ritos adequados aos nossos povos”¹³.

Essa afirmação traduz bem o espírito do Sínodo: a unidade da fé não exige uniformidade cultural. A diversidade de ritos legítimos na Igreja é uma riqueza que precisa ser redescoberta. A própria Igreja Católica conta com 23 ritos diferentes em suas várias Igrejas *sui iuris* (latino, bizantino, maronita, copta, siríaco, armênio, entre outros), fruto de inculturações históricas desde os primeiros séculos do cristianismo¹⁴. Então, por que não poderia a Amazônia, no século XXI, também dar à luz uma forma ritual própria?

Vários bispos amazônicos apoiaram fortemente essa possibilidade. Dom Erwin Kräutler, bispo emérito do Xingu (Brasil), foi uma das vozes mais ativas. Conhecido por seu trabalho com os povos indígenas e pela defesa dos direitos humanos, ele destacou a ur-12 “Desde el Sínodo Amazónico interpelan por una nueva relación entre Iglesia y Pueblos Indígenas”, *Noticias Fides*, 2020. Disponível: <https://www.noticiasfides.com/investigaciones-anf/sinodo-de-la-amazonia/desde-el-sinodo-amazonico-interpelan-por-una-nueva-relacion-entre-iglesia-y-pueblos-indigenas-#:~:text=%E2%80%9CDebemos%20recuperar%20la%20diversidad%20de,Hern%C3%A1ndez%20experto%20en%20teolog%C3%ADa%20india>

13 *Ibid*.
14 “Bispos discutem rito amazônico e ministerialidade: desdobramentos pós-sínodo”, *Repam*, 2020. Disponível: <https://repam.org.br/bispos-discutem-rito-amazonico-e-ministerialidade-desdobramentos-pos-sinodo/#:~:text=23%20ritos%20diferentes%2C%20que%20apontoam,estruturas%20e%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20Igreja>

gência de novos caminhos pastorais diante da escassez de presbíteros e a importância de um rito que expresse a riqueza cultural da região. Segundo Kräutler, “o rito amazônico é uma resposta concreta ao apelo do Papa Francisco para que a Igreja reconheça e celebre as culturas locais, promovendo uma liturgia que reflita a espiritualidade dos povos amazônicos”¹⁵.

De maneira semelhante, o cardeal Cláudio Hummes, relator geral do Sínodo e figura-chave na causa amazônica, via na inculturação litúrgica uma consequência natural de uma Igreja intercultural e sinodal. Hummes costumava dizer que a Igreja precisa “alargar sua tenda”¹⁶ na Amazônia, acolhendo as expressões próprias dos seus povos – na liturgia, na catequese, na organização comunitária e em toda a vida pastoral.

O Documento Final do Sínodo (26 de outubro de 2019) refletiu esse consenso emergente. No número 116, afirma-se: “O Concílio Vaticano II abriu espaços para o pluralismo litúrgico... Devemos dar uma resposta autenticamente católica ao pedido das comunidades amazônicas de adaptar a liturgia, valorizando a cosmologia, as tradições, os símbolos e os ritos originários”.

Com base nesse princípio, o número 119 propôs explicitamente a elaboração de um rito amazônico, que expresse o patrimônio litúrgico, teológico, disciplinar e espiritual da Amazônia. A proposta foi votada pelos

15 “V Encontro dos Bispos da Amazônia: a Igreja que se fez carne alarga sua tenda na Amazônia, memória e esperança” Disponível: *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2023 Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/642841-v-encontro-dos-bispos-da-amazonia-a-igreja-que-se-fez-carne-alarga-sua-tenda-na-amazonia-memoria-e-esperanca#:~:text=igreja%20em%20sa%C3%A9da%20%C2%0C%20que%20acontece%20de%20ritualidade%20e>

16 Consejo Episcopal Latinoamericano (Celam), “Misión Celam 08”, *Celam*, 2008. Disponível: https://www.celam.org/docs/Mision_Celam_08_portugues.pdf#:~:text=acolhedora%2C%20pronta%20a%20caminhar%20a%20vida%20consagrada%20e%20na%20pastoral, p. 11.

padres sinodais e obteve 140 votos a favor e 29 contrários – superando amplamente os dois terços exigidos, ainda que tenha sido um dos pontos mais debatidos¹⁷.

Em resumo, a semente do rito amazônico foi plantada pelo Vaticano II, irrigada pela reflexão latino-americana nas décadas seguintes, e amadureceu com o impulso direto do Papa Francisco e do Sínodo Pan-Amazônico. Hoje, essa proposta é um projeto concreto em estudo, cheio de esperança e desafios.

2 DESAFIOS PARA UM RITO AMAZÔNICO

2.1 Diversidade cultural interna

A Amazônia não é um bloco homogêneo. Ela abriga mais de 300 povos indígenas, além de populações ribeirinhas, quilombolas, caboclas, migrantes urbanos e comunidades mestiças, cada uma com sua própria língua, espiritualidade, forma de celebrar e se relacionar com o sagrado. Isso levanta a pergunta: é viável um único “rito amazônico” que represente tamanha diversidade?

O teólogo Paulo Suess adverte que, dada a grande pluralidade cultural e ritual da região, corre-se o risco de criar um rito geral que, sem querer, possa repetir lógicas coloniais, homogeneizando novamente os povos originários. Por isso, ele defende que o rito amazônico seja flexível e plural, com variações conforme a etnia, o território e a expressão religiosa local. A chave será encontrar uma síntese comum que respeite e integre

17 “Los 3 temas controvertidos del Sínodo: Sacerdotes casados, diaconías y rito amazónico”, *ACI Prensa*, 2020. Disponível: <https://www.aciprensa.com/noticias/78011/los-3-temas-controvertidos-del-sinodo-sacerdotes-casados-diaconias-y-rito-amazonico>

essa variedade – por exemplo, permitindo diferentes cantos, instrumentos, gestos e línguas, conforme a comunidade.

Quanto ao Rito Amazônico, buscando uma pastoral menos colonial, vê-se uma dificuldade, dada a não homogeneidade de culturas e ritos na Amazônia. Para isso, defende-se a presença e o protagonismo dos ministros locais, e aponta-se a falta de participação ampla dos povos. Daí a necessidade de ritos amazônicos que respondam à diversidade cultural, questionando se um Rito Amazônico não significaria repetir um novo colonialismo, uma espécie de nova língua geral, criada para facilitar a catequese¹⁸.

2.2 Equilíbrio entre interculturalidade e ortodoxia

Todo processo de interculturalidade exige discernimento: quais elementos culturais podem ser integrados à liturgia sem comprometer a fé cristã? Há ritos indígenas com valores profundamente evangélicos – o respeito à criação, o sentido de comunidade, os gestos de perdão e cura – que podem ser acolhidos e ressignificados. Mas outros elementos, como invocações a divindades do panteão indígena durante a missa, precisariam de discernimento teológico mais rigoroso.

A controvérsia em torno da imagem da indígena grávida (chamada de *pachamama* por alguns) durante o Sínodo, erroneamente associada à idolatria por alguns setores, mostrou a importância de catequese sólida e de uma pedagogia litúrgica que explique o significado

18 “Paulo Suess: fomentar el protagonismo de los pueblos de la Amazonía y contribuir con su ejemplo al futuro de la humanidad”, *ADN Celam*, 2020. Disponível: <https://adn.celam.org/paulo-suess-fomentar-el-protagonismo-de-los-pueblos-de-la-amazonia-y-contribuir-con-su-ejemplo-al-futuro-de-la-humanidad/#:~:text=En%20cuanto%20a%20Rito%20Amaz%C3%B3nico%2C,creada%20para%20facilitar%20la%20catequesis>

dos símbolos. O Papa Francisco afirmou claramente que a presença de símbolos indígenas não implica idolatria e que certas práticas precisam ser purificadas à luz de Cristo, e não descartadas de imediato. Assim, práticas como o uso do humo aromático para purificação, as danças comunitárias ou os cantos de gratidão à natureza podem ser reinterpretadas com sentido cristão¹⁹.

2.3 Falta de pessoal e recursos locais

A elaboração e a implementação de um rito amazônico exigem especialistas em línguas indígenas, liturgia, antropologia e teologia, em diálogo com as comunidades locais. Muitas dessas línguas são ágrafas (sem forma escrita definida), o que dificulta a tradução dos textos bíblicos e litúrgicos. O Sínodo pediu a formação de comitês locais de tradução e adaptação, mas isso demanda tempo, recursos e formação especializada.

Outro grande desafio é a falta de presbíteros. Muitas comunidades da Amazônia veem um padre apenas uma ou duas vezes por ano. Um rito inculturado só será efetivo se houver ministros que o celebrem com frequência. Por isso, o Sínodo também debateu a possibilidade de ordenar *virii probati* – homens casados e de virtude reconhecida – e de instituir novos ministérios leigos indígenas. O Papa Francisco, em *Querida Amazônia*, não tomou decisão imediata sobre a ordenação de casados, mas incentivou um maior protagonismo dos leigos e o envio de missionários à região (cf. QA 87-90).

19 "La exhortación sinodal zanja la polémica de la pachamama", *Vida Nueva Digital*, 13 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vidanuevadigital.com/2020/02/13/la-exhortacion-sinodal-zanja-la-polemica-de-la-pachamama/#:~:text=Francisco%20en%20su%20d%C3%ADa%20conden%C3%B3,sin%20calificarlo%20necesariamente%20de%20idolatr%C3%ADa%E2%80%9D>

Enquanto isso, exortou os bispos a enviarem missionários para a Amazônia e a reforçarem o protagonismo dos leigos²⁰. O desafio continua atual: como assegurar celebrantes frequentes para o eventual rito amazônico? Talvez aumentando “o contundente protagonismo dos leigos” na liturgia (celebrações da Palavra conduzidas por leigos quando não houver missa, por exemplo) e formando lideranças indígenas que, se for o caso, possam ser ordenadas, caso a Igreja assim permita.

2.4 Resistências e receios intraeclesiais

Nem todos na Igreja veem com bons olhos a criação de um rito amazônico. Alguns setores, especialmente os mais tradicionalistas, temem que isso leve à fragmentação ou à introdução de práticas não cristãs. Argumenta-se que a unidade do rito romano estaria sendo ameaçada. Outros temem que a proposta seja uma “porta dos fundos” para alterar disciplinas eclesiais como o celibato ou o papel das mulheres.

Há também o debate técnico: seria um Rito com “R” maiúsculo (como os ritos orientais), implicando estrutura própria e autonomia canônica? Ou um rito com “r” minúsculo, ou seja, uma forma inculturada dentro do rito latino? O Papa, em *Querida Amazônia*, referiu-se ao “rito amazônico” com “r” minúsculo, o que indica uma forma adaptada do rito romano, não uma nova Igreja *sui iuris*²¹. Essa discussão técnica reflete um desafio: definir o estatuto canônico-litúrgico do

20 Papa Francisco, *Querida Amazonia: Exhortación Apostólica Postsinodal*, Vaticano News, 2 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2020-02/querida-amazonia-papa-francisco-exhortacion.html#:~:text=Que%20los%20obispos%20latinoamericanos%20env%3ADen.misioneros%20a%20la%20Amazonia>

21 Carl E. Olson, “What’s wrong with an Amazonian Rite?”, *Catholic World Report*, 20 de mayo de 2020. Disponível: <https://www.catholicworldreport.com/2020/05/20/what-wrong-with-an-amazonian-rite/#:~:text=inculturate%20,footnote%20351%20of%20Amonis%20Laetitia>

eventual rito. Será análogo ao rito zaireense (que está inserido na Igreja latina como uma forma alternativa da missa romana)? Ou aspirará a ser um rito autônomo como os orientais, com sua própria hierarquia e direito particular? Por enquanto, parece que se pensa mais na primeira opção – uma adaptação profunda dentro do rito romano –, já que falar de uma “Igreja ritual” nova poderia gerar maior resistência na Cúria. Convencer toda a Igreja da legitimidade desse projeto exigirá diálogo, testemunhos dos seus frutos evangelizadores e a garantia de que não se trata de criar uma “Igreja paralela” nem de diluir a fé, mas sim de “uma expressão a mais da catolicidade”, como afirma o Sínodo.

Ainda assim, teólogos como Víctor Codina veem nisso um passo importante rumo a uma Igreja mais descentralizada, sinodal e verdadeiramente católica na diversidade. A tensão entre o temor à inovação e o desejo de encarnação do Evangelho é parte natural do processo. O caminho será dialogar com todas as partes, mostrar os frutos pastorais da proposta e garantir fidelidade à comunhão e à doutrina da Igreja²².

Em suma, os desafios vão desde questões práticas (idiomas, formação, textos) até profundas questões teológicas e de comunhão eclesial. Nada disso é intransponível, mas exige um processo paciente, discernimento comunitário e apoio decidido por parte da hierarquia para superar os obstáculos. A experiência do rito zaireense mostrou que isso pode levar anos: no Congo, foram 17 anos de experimentação antes da

22 Víctor Codina, “Corresponderá a la Conferencia Eclesial de la Amazonia la elaboración de un Rito Amazónico?”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2020. Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601031-correspondera-a-conferencia-eclesial-da-amazonia-a-elaboracao-de-um-rito-amazonico-entrevista-com-victor-codina>

aprovação final. Os bispos amazônicos estão cientes de que esse caminho é de longo prazo, mas consideram que vale a pena trilhá-lo.

3 POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES

A pesar dos desafios, a criação de um rito amazônico oferece imensas oportunidades para a vida da Igreja, tanto na Amazônia quanto em nível global. A seguir, destacamos algumas das principais potencialidades:

3.1 Protagonismo dos povos indígenas e amazônicos

O maior ganho seria possibilitar que os povos originários deixem de ser meros receptores de uma liturgia importada para se tornarem protagonistas da celebração da fé. Muitos indígenas hoje sentem que a Missa, tal como é celebrada, não os representa – é “coisa de branco”, distante de seus símbolos, sons e gestos.

Como dizia Eleazar López, são necessários ritos “adequados aos nossos povos” para recuperar a diversidade legítima da Igreja²³. Com um rito próprio, a liturgia poderia ser celebrada na língua materna, com melodias, ritmos e instrumentos tradicionais, com símbolos da floresta como água, sementes, folhas, penas, artesanato. A comunidade se reconheceria no altar. Isso despertaria maior participação consciente e ativa, como desejava o Concílio Vaticano II.

23 “Desde el Sínodo Amazónico interpelan por una nueva relación entre Iglesia y Pueblos Indígenas”, *Noticias Fides*, 2020. Disponível: <https://www.noticiasfides.com/investigaciones-anf/sinodo-de-la-amazonia/desde-el-sinodo-amazonico-interpelan-por-una-nueva-relacion-entre-iglesia-y-pueblos-indigenas-#:~:text=%E2%80%9CDebemos%20recuperar%20la%20diversidad%20de,Hern%C3%A1ndez%20experto%20en%20teolog%C3%ADa%20india>

Homens e mulheres indígenas poderiam ter papéis de destaque: leitores proclamando a Palavra em seu idioma; músicos tocando maracás, tambores e flautas; líderes comunitários guiando orações. Inclusive, sábios e anciãos – que já exercem funções espirituais de aconselhamento e cura – poderiam receber funções litúrgicas não sacramentais, como catequistas ou ministros da bênção. Assim, a liturgia deixaria de ser percebida como algo imposto “de fora” e passaria a ser “nossa celebração” – com rosto amazônico e coração católico.

3.2 Enriquecimento da liturgia universal

A interculturalidade autêntica não empobrece, mas **A** Enriquece a Igreja universal. Cada vez que na história surgiu um novo rito local (ambrosiano, moçárabe, os ritos orientais etc.), acrescentaram-se cores ao mosaico católico. Um rito amazônico poderia trazer uma espiritualidade ecológica e comunitária muito necessária hoje. Os povos amazônicos vivem uma profunda comunhão com a natureza, consideram a floresta e os rios como obra sagrada de Deus e parte de sua família. Incorporar essa sensibilidade na liturgia pode lembrar a todos os fiéis da responsabilidade de cuidar da Criação (“a Casa Comum”, na linguagem do Papa Francisco).

Por exemplo, já se propôs que o rito amazônico tenha um calendário litúrgico próprio “com o ritmo da natureza, com o tempo da criação, as estações e toda a sua biodiversidade”, nas palavras de antropólogos que acompanham esse processo²⁴. Isso não substituiria

24 Brian Roewe, “Amazon synod reverberates through Catholic Church five years later”, *National Catholic Reporter*, 3 de abril de 2023. Disponível: <https://www.ncronline.org/earthbeat/faith/environment/amazon-synod-reverberates-through-catholic-church-five-years-later#:~:text=match%20at%20L414%20in%20a,structure%2C%20especially%20in%20urban%20areas>

o ano litúrgico cristão tradicional, mas poderia complementá-lo, destacando, por exemplo, uma “Festa do Rio” em agradecimento pelas águas, ou um tempo anual de oração pela floresta. Tais iniciativas teriam eco além da Amazônia, inspirando a Igreja global na conversão ecológica que pede a *Laudato Si’*.

Do mesmo modo, a ritualidade amazônica – que costuma ser festiva, corporal, participativa – pode recordar a uma liturgia ocidental, às vezes excessivamente cerebral ou sóbria, a importância da alegria celebrativa. Gestos como a dança sagrada comunitária, que em muitos povos expressa júbilo e unidade, poderiam fazer parte do rito amazônico em momentos adequados (por exemplo, uma procissão dançante do Evangelho ou uma dança do ofertório). Isso já é permitido no rito zaireense e tem sido elogiado por sua capacidade de envolver a assembleia²⁵.

Ver uma liturgia em que toda a criação – plantas, fogo, água, sons da floresta – se integra para louvar a Deus pode abrir novos horizontes para a teologia litúrgica, mostrando de forma tangível a dimensão cósmica dos sacramentos (como afirma o Papa Francisco, “na Amazônia, os sacramentos não deveriam ser entendidos separados do que foi criado” [QA 81]). A Amazônia pode nos ensinar a rezar com a floresta, e não apenas na floresta.

3.3 Impulso à evangelização e à vida comunitária

Um rito inculturado teria um impacto missionário positivo. Muitos indígenas batizados, mas não

25 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=Yet%20he%20noted%20that%20any,differences%20from%20the%20Roman%20Rite>

profundamente evangelizados – ou até mesmo comunidades que haviam abandonado a Igreja por causa de seitas –, poderiam reencontrar o sentido de pertencimento ao perceber que a Igreja acolhe seus valores. Como aponta o Documento Final, a liturgia inculturada “se sente ligada aos sofrimentos e às alegrias do povo (SC 38)” (n. 116). Celebrar uma missa que integre, por exemplo, um rito de perdão comunitário ao estilo indígena (em que se compartilha um gesto coletivo de reconciliação) poderia curar divisões. Ou incluir, durante a liturgia, uma “palavra de sabedoria” de um ancião da comunidade poderia conectar o Evangelho com a tradição oral local.

Tais adaptações fariam com que a fé penetrasse mais profundamente, não como algo externo, mas como fermento dentro da cultura. Além disso, um rito amazônico certamente promoveria novos ministérios leigos: para traduzir, compor cantos, organizar as celebrações na ausência do sacerdote, etc. Isso já vem acontecendo – as “celebrações da Palavra” conduzidas por leigos são comuns na Amazônia diante da escassez de padres –, mas um rito próprio poderia institucionalizar e formar melhor esses ministérios.

Com a liturgia inculturada como eixo, a comunidade cristã se fortaleceria em torno de suas celebrações, reduzindo também o êxodo para igrejas pentecostais que, por vezes, têm se mostrado culturalmente mais atraentes. Dom Omar Mateo Mejía, bispo de Florencia (Colômbia), comentou, após se reunir com o Papa, que as próprias comunidades indígenas estão “pedindo um novo rito na Igreja que reflita suas espiritualidades e estilos de vida”²⁶, pois anseiam sentir-se realmente em casa na Igreja. Quando isso for alcançado, a evan-
26 *Ibid.*

gelização será mais eficaz: o Evangelho será proposto não em oposição às suas identidades, mas iluminando-as desde dentro.

3.4 Expressão da catolicidade e da sinodalidade

A palavra “católica” significa universal na diversidade. Um rito amazônico seria um sinal poderoso da catolicidade da Igreja, que não é uniformidade romana, mas comunhão de muitas vozes. O Sínodo indicou que essa iniciativa expressaria “o sentido de descentralização e de colegialidade” que reflete a natureza da Igreja. De fato, mostraria uma Igreja sinodal, onde o centro (Roma) escuta a periferia (Amazônia) e lhe permite oferecer seus próprios dons. Seria a concretização dessa “Igreja em saída” e de “rosto indígena” da qual fala Francisco.

Para os próprios bispos latino-americanos, empreender esse caminho os faz crescer em colegialidade, trabalhando juntos em uma comissão supranacional (já que a Amazônia abrange muitos países) para elaborar as propostas rituais. Isso cria vínculos eclesiais inovadores, como a Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), fundada em 2020 para dar seguimento ao Sínodo²⁷. A Ceama, que inclui bispos, religiosos/as, leigos/as e indígenas em sua condução, é em si mesma um modelo sinodal. O rito amazônico seria um de seus projetos emblemáticos e nasceria de um verdadeiro processo comunitário.

27 “Paulo Suess: fomentar el protagonismo de los pueblos de la Amazonía y contribuir con su ejemplo al futuro de la humanidad”, *ADN Celam*, 2020. Disponível: <https://adn.celam.org/paulo-suess-fomentar-el-protagonismo-de-los-pueblos-de-la-amazonia-y-contribuir-con-su-ejemplo-al-futuro-de-la-humanidad/#:~:text=En%20cuanto%20a%20los%20resultados,que%20todo%20quede%20en%20sue%C3%B1os>

Nesse sentido, mais do que um simples ajuste litúrgico, estaríamos diante de um laboratório de sinodalidade: a Igreja universal aprendendo a caminhar com ritmos distintos dentro de si. Se der frutos, poderá inspirar outras regiões com povos originários (pense-se na liturgia andina ou em ritualidades inculturadas na Ásia) a trilhar caminhos semelhantes. O cardeal peruano Pedro Barreto, presidente da Ceama, afirmou que o “sonho eclesial” do Papa para a Amazônia já está se tornando realidade com essas novas estruturas participativas²⁸ e que o rito amazônico será parte integrante desse novo rosto eclesial. Longe de romper a unidade, acrescentar mais um rito ao concerto católico manifestará que a verdadeira unidade se dá na diversidade reconciliada.

Em síntese, as possibilidades vão desde uma maior encarnação do Evangelho na Amazônia (que leve a comunidades mais vivas e firmes na fé) até um transbordamento de frescor espiritual para toda a Igreja. Como disse Florencio Vaz, antropólogo e irmão franciscano brasileiro, esse processo é “uma portinha, uma pequena abertura, pela qual a Igreja... pode avançar”²⁹ rumo a novas formas de ser mais fiel ao Espírito em cada cultura.

4 CONTROVÉRSIAS E DEBATES

A proposta de um rito amazônico não passou sem resistência. Gerou debates intensos, tanto dentro quanto fora da Igreja, revelando temores, mal-enten-

28 Brian Roewe, “Amazon synod reverberates through Catholic Church five years later”, *National Catholic Reporter*, 3 de abril de 2023. Disponível: <https://www.ncronline.org/earthbeat/faith/environment/amazon-synod-reverberates-through-catholic-church-five-years-later#:~:text=New%20church%20structures%20forming>

29 *Ibid.*

didos e também a necessidade de diálogo teológico e pastoral.

4.1 Acusações de sincretismo e idolatria

Como já mencionamos, um dos ataques mais comentados surgiu a partir do mal-entendido com as estatuetas apelidadas de “*pachamama*”. Setores tradicionalistas viram na cerimônia realizada nos jardins do Vaticano (em que indígenas fizeram uma oração simbólica com essas imagens) um ato pagão. Meios de comunicação e *blogs* integristas falaram do “Sínodo da Pachamama”, qualificando-o como heresia. Mesmo após a publicação do Documento Final, alguns comentaristas (por exemplo, em portais como *Adelante la Fe* ou *La Nuova Bussola*) continuaram denunciando que um rito amazônico equivaleria a “introduzir a idolatria da Mãe Terra na Missa” – uma afirmação bastante sensacionalista e distante da verdadeira intenção do processo.

Essas reações exigiram esclarecimentos oficiais. O Papa, na *Querida Amazônia*, dedicou vários parágrafos para explicar a diferença entre valorizar símbolos culturais e incorrer em superstição. Afirmou claramente que “promover a Amazônia” não significa “colonizá-la culturalmente”, mas também não se trata de “indigenismos fechados”; trata-se, isto sim, de um “encontro transcultural” onde a diversidade é uma ponte³⁰. E no número 79 da exortação, como já citamos, ele expressou que um símbolo indígena pode ser assumido sem que isso implique idolatria, e que um mito com senti-

30 Papa Francisco, *Querida Amazonia: Exhortación Apostólica Postsinodal*, Vatican News, 2 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2020-02/querida-amazonia-papa-francisco-exhortacion.html#:~:text=No%20a%20un%20indigenismo%20cerrado%2C,sino%20a%20un%20encuentro%20intercultural>

do espiritual não é automaticamente um erro pagão³¹. Também convocou a um “lento processo de purificação” de certas práticas tradicionais³².

Essas palavras de Francisco ajudaram a encerrar parcialmente a polêmica, mostrando a posição oficial: a interculturalidade é valiosa, desde que Cristo ilumine os elementos culturais (purificando-os de possíveis conotações contrárias à fé). Apesar disso, há católicos que continuam céticos e acompanham com desconfiança qualquer passo nessa direção. Por exemplo, quando no México foi aprovado recentemente um missal inculturado para algumas comunidades indígenas (rito ordinário com adaptações locais), vozes críticas acusaram novamente de “paganizar” a liturgia³³.

A Igreja terá que continuar dialogando e catequizando para dissipar esses temores. É útil lembrar, como faz o Catecismo, que a verdadeira inculturalidade “eleva e purifica” as culturas, não as destrói (CIC 1204-1206), inclusive a nossa é purificada pelas culturas originárias. Não se trata de adorar a natureza nem de sincretizar doutrinas, mas de “assumir o bem que Deus já semeou antes” nos povos amazônicos, integrando-o no culto ao Deus verdadeiro. Na prática, a Santa Sé jamais aprovaria elementos teologicamente errôneos; portanto, temer que a Igreja vá introduzir idolatria em sua própria liturgia é infundado.

31 “La exhortación sinodal zanja la polémica de la pachamama”, *Vida Nueva Digital*, 13 de febrero de 2020. Disponível: <https://www.vidanuevadigital.com/2020/02/13/la-exhortacion-sinodal-zanja-la-polemica-de-la-pachamama/#:~:text=Proceso%20de%20purificaci%C3%B3n>

32 *Ibid.*

33 “El Papa aprueba adaptaciones litúrgicas indígenas en México”, *ADN Celam*, 2020. Disponível: <https://adn.celam.org/el-papa-aprueba-adaptaciones-liturgicas-indigenas-en-mexico/#:~:text=El%20Papa%20aprueba%20adaptaciones%20lit%C3%B3rgicas.proceso%20de%20inculturaci%C3%B3n%20no>

4.2 Debates sobre celibato e ministérios femininos

Outra controvérsia é a suspeita de que o rito amazônico seja um “cavalo de Troia” para mudar disciplinas da Igreja latina, como o celibato sacerdotal ou a reserva do sacerdócio aos homens. Essa percepção surgiu porque o documento sinodal vinculou, em certa medida, o rito próprio (parágrafo 119) com a proposta de ordenar homens casados da região (parágrafo 111) e de estudar o diaconato feminino (parágrafo 103). De fato, alguns teólogos, como Víctor Codina, comentaram que um rito amazônico *sui iuris* permitiria ter um clero casado, à semelhança dos ritos orientais católicos, onde essa tradição já existe³⁴.

Por outro lado, outros – como o padre Vincent Twomey, SVD, escrevendo no *Catholic World Report* – argumentaram que, ao falar de rito com “r” minúsculo, o Papa não pretendia autorizar uma Igreja particular com regras próprias de celibato, mas apenas adaptações litúrgicas dentro do rito romano³⁵. Twomey chegou a criticar o Documento Final do Sínodo por omitir, na citação de *Sacrosanctum Concilium* 38, a cláusula sobre a unidade substancial do rito romano, insinuando que os redatores tinham uma agenda de ruptura³⁶.

Esse embate de interpretações revela uma tensão subjacente: até onde poderiam ir as mudanças com o rito amazônico? Oficialmente, *Querida Amazônia* não aprovou o acesso de homens casados ao sacerdócio – Francisco optou por não resolver esse ponto na exor-

34 Carl E. Olson, “What’s wrong with an Amazonian Rite?”, *Catholic World Report*, 20 de mayo de 2020. Disponível: <https://www.catholicworldreport.com/2020/05/20/what-wrong-with-an-amazonian-rite/#:~:text=is%20implicit%20in%20footnote%20351.of%20Amoris%20Laetitia>

35 *Ibid.*

36 *Ibid.*

tação pós-sinodal – nem mencionou explicitamente um novo rito no texto principal (apenas numa nota de rodapé, a de número 120). O Papa preferiu focar a solução da escassez de missas no envio de missionários e no despertar de vocações nativas, insistindo na definição do “específico do sacerdote” e na promoção de papéis laicais (cf. QA 85-90).

Assim, a relação entre o rito amazônico e o celibato ficou em aberto. Contudo, na prática pastoral, muitos continuam a ver os dois temas como interligados: um rito inculturado eficaz dificilmente poderá prescindir de ministros ordenados locais; e, se não houver suficientes celibatários, voltará a pressão para ordenar líderes casados respeitados pela comunidade (*virī probati*). O mesmo ocorre com as mulheres: a Amazônia conta com numerosas religiosas e leigas que, de fato, já dirigem comunidades; o rito amazônico poderia institucionalizar algum ministério para elas (leitorado, acolitado ou algum novo ministério de animadora da comunidade). Alguns temem que isso leve a um “diaconato feminino encoberto” ou que fragilize a doutrina vigente. A Santa Sé já criou comissões para estudar o diaconato das mulheres, mas ainda sem resultados conclusivos.

De todo modo, essas discussões ministeriais correm paralelamente ao rito, sem fazer parte intrínseca dele. É teoricamente possível ter um rito amazônico mantendo o celibato e sem diáconas, apenas com sacerdotes missionários e diáconos homens; embora a realidade sociológica talvez exija também inovações nessa área. A controvérsia, então, se alimenta da incerteza sobre o quanto um rito próprio mudaria a estrutura da Igreja.

Os bispos amazônicos insistem que sua intenção não é fragmentar a disciplina por rebeldia, mas atender pastoralmente seu povo, respeitando a comunhão com o Papa. A frase atribuída ao cardeal Hummes era: “Não se trata de deixar de ser católicos romanos, mas de ser também genuinamente amazônicos”. Em última instância, qualquer exceção disciplinar exigiria a aprovação do Papa, de modo que o alarme de certos críticos parece prematuro. Francisco, de fato, tem incentivado a “ser criativos e audaciosos, em comunhão com toda a Igreja”³⁷, indicando que está aberto a novos caminhos, desde que não se rompa a comunhão.

4.3 Questões canônicas e identidade eclesial

Outro debate é de ordem canônica: como se encaixaria juridicamente um rito amazônico? Seria um rito para toda a Pan-Amazônia, gerido por um organismo comum (como a Ceama), ou cada conferência episcopal adaptaria o seu? Haveria um “missal amazônico” único? Alguns canonistas apontam que a constituição *Pastor Bonus* e o atual *Código de Direito Canônico* não preveem facilmente a criação de novos ritos latinos. Seria necessário um ato pontifício específico aprovando o *Ordo Missae Amazonensis* ou algo semelhante, com normas claras sobre seu uso (possivelmente limitado aos territórios amazônicos, a menos que comunidades da diáspora o solicitem).

Tudo isso é inédito nos tempos modernos, com exceção do caso do rito do Zaire. Esse vazio jurídico gera uma série de questionamentos. Por exemplo: um sacerdote formado no Brasil poderia celebrar validamente

37 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=he%20said>

o rito amazônico no Peru? Provavelmente sim, caso se trate de um rito pan-amazônico comum aprovado. Mas detalhes como a autoridade competente para regulá-lo (a Ceama poderia funcionar como uma espécie de conferência episcopal transnacional?) ainda precisam ser definidos.

Críticos internos podem usar essas incertezas jurídicas como argumento para adiar ou bloquear o projeto, alegando que “não há base legal” ou que isso criaria confusão entre os fiéis. No entanto, a Igreja possui mecanismos para resolver essa questão: o Papa, como legislador supremo, pode erigir jurisdições rituais especiais ou confiar a supervisão ao Dicastério para o Culto Divino.

Já em 2022 foi dado um primeiro passo, quando uma delegação da Ceama entregou ao Dicastério para o Culto Divino uma proposta formal para iniciar o caminho rumo a um rito amazônico³⁸. Essa petição provavelmente incluiu a solicitação de faculdades para experiências piloto. De fato, em consonância com *Sacrosanctum Concilium* 40, bem se poderia autorizar “as experiências prévias necessárias em alguns grupos preparados” – ou seja, comunidades que voluntariamente comecem a celebrar com adaptações, sob acompanhamento e discernimento pastoral.

Na prática, isso já acontece de forma oficiosa: há paróquias amazônicas que introduzem orações em línguas indígenas ou ritos de acolhida conforme a cultura local, com o aval de seus bispos. A formalização de um rito consolidaria essas práticas dispersas num 38 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=said%2C%20so%20for%20bishops%20in,at%20least%20starting%20the%20process>

status quo legítimo. O debate identitário que está por trás de tudo isso é: a Igreja pode ser, ao mesmo tempo, romana e amazônica? Para os promotores da proposta, a resposta é sim – a romanidade está na comunhão com Pedro, não na uniformidade litúrgica. Para os críticos, existe o receio de que se crie uma espécie de Igreja nacional ou regional. Essa discussão repete, em parte, o que ocorreu no passado com os ritos orientais, que alguns latinos viam com desconfiança. Hoje, no entanto, compreendemos que um maronita ou um copta católico não são “menos católicos” por não usarem o Misal Romano. Do mesmo modo, um católico amazônico com seu próprio rito continuaria professando o mesmo Credo e unido ao mesmo Papa. Visto assim, a polêmica tende a se apaziguar com catequese adequada sobre a unidade na diversidade.

4.4 Reações locais e globais

Curiosamente, dentro da própria Amazônia também há diversidade de opiniões. Muitos fiéis mestiços urbanos talvez se perguntem se um rito indígena os representaria, ou se seria algo voltado apenas às aldeias nativas. Alguns padres locais podem sentir certa apreensão diante da ideia de aprender rituais novos, diferentes do que já conhecem. Nas bases, contudo, parece predominar o entusiasmo entre os agentes pastorais que atuam com interculturalidade. Religiosas que trabalham há décadas com povos indígenas veem com bons olhos o reconhecimento de seus esforços por meio de um rito oficial.

A controvérsia tem sido mais barulhenta em nível global (mídia, internet) do que nas comunidades amazônicas humildes, onde o foco cotidiano está em sobreviver espiritualmente com tão pouca atenção sacra-

mental. Para muitos líderes locais, qualquer inovação que traga mais a graça de Deus para seu povo é bem-vinda. Como afirmou Dom Rino Fisichella durante o Sínodo, “não é possível unificar a multiplicidade que os povos da Amazônia representam; estamos diante de culturas diferentes, mas cada uma tem um elemento que nos permite perceber a grandeza da fé cristã”. Ele acrescentou que um rito amazônico próprio “enriqueceria a evangelização com uma expressão da fé segundo as peculiaridades de uma cultura própria”³⁹.

Essas palavras de um alto representante do Vaticano indicam que, apesar das controvérsias, a tendência é enxergar o rito amazônico como um enriquecimento, e não como uma ameaça. Em resumo, as controvérsias giram em torno do equilíbrio entre novidade e tradição, entre diversidade e unidade. Há preocupações legítimas que devem ser levadas em conta, sobretudo no tocante à fidelidade doutrinal, mas também há preconceitos infundados que se interpõem (como o medo do indígena por puro desconhecimento, entre outros).

O diálogo franco e a clareza magisterial deverão continuar acompanhando esse caminho, para que as dúvidas se transformem em contribuições construtivas. A experiência do Sínodo mostrou que, após as discussões, a grande maioria dos pastores da região apoiou a iniciativa. O próprio Papa, segundo testemunho do bispo Mejía, assegurou a eles que “o Vaticano não vai fechar” esse desenvolvimento, e que chegará o momento de discerni-lo plenamente⁴⁰.

39 “Desde el Sínodo Amazónico interpelan por una nueva relación entre Iglesia y Pueblos Indígenas”, *Noticias Fides*, 2020. Disponível: <https://www.noticiasfides.com/investigaciones-anf/sinodo-de-la-amazonia/desde-el-sinodo-amazonico-interpelan-por-una-nueva-relacion-entre-iglesia-y-pueblos-indigenas-#:~:text=%E2%80%9CTenemos%20conciencia%20que%20no%20es.Promoci%C3%B3n%20de%20la%20Nueva%20Evangelizaci%C3%B3n>

40 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of

Esse apoio do Papa é crucial para superar a oposição de minorias barulhentas – mas, ainda assim, minorias. Como em todo processo sinodal, a escuta de todas as vozes é importante, mas é necessário avançar segundo o impulso do Espírito manifestado no consenso eclesial. E esse consenso parece se inclinar a favor de dar uma oportunidade à interculturalidade amazônica.

5 PROPOSTAS E AVANÇOS RUMO A UM RITO AMAZÔNICO

Após o Sínodo de 2019 e a exortação apostólica *Querida Amazônia* (2020), a Igreja começou a dar passos concretos para tornar realidade a proposta de um rito amazônico inculturado. A seguir, resumimos as principais propostas e os avanços em curso:

5.1 Comissão de estudo e papel da Ceama

Atendendo a essa solicitação, a Igreja na região amazônica, em comunhão com Roma, **criou uma comissão** de peritos encarregada de desenvolver o Rito Amazônico, sob a coordenação da recém-formada **Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama)**⁴¹.

O novo organismo da Igreja na Amazônia deve constituir uma comissão competente para estudar e dialogar, segundo os usos e costumes dos povos ancestrais, a elaboração de um rito amazônico que exprima o patrimônio litúrgico, teológico, disciplinar e espiritual da Amazônia, com especial referência ao que a *Lumen Gentium* afirma para as Igrejas Orientais (cf. LG 23) (DF 119).

Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=The%20bishop%20said%20that%20Pope.will%20discern%20it%20thoroughly>

41 “O rito amazônico toma forma a partir de baixo e das igrejas locais”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2021.

Essa comissão, formada por representantes das Igrejas locais, vem trabalhando nos últimos anos a partir de baixo, ou seja, recolhendo as práticas de interculturalidade já vividas pelas comunidades eclesiais amazônicas⁴². Entre seus membros destacam-se: Dom Evaristo Pascoal Spengler (bispo de Roraima); Pe. Justino Sarmiento Rezende (salesiano da etnia tuyuka); a irmã Laura Vicuña Pereira (indígena uitota da Colômbia); o antropólogo Florencio Vaz (irmão franciscano brasileiro).

Essa comissão entregou em 2022 ao Dicastério para o Culto Divino uma proposta inicial⁴³. O conteúdo exato é reservado, mas segundo informações que vieram a público, inclui: pedido de experiências litúrgicas-piloto; elementos rituais próprios sugeridos; demanda por apoio à tradução da Bíblia e textos litúrgicos em línguas indígenas.

O dicastério (cujo prefeito é o cardeal Arthur Roche) acolheu o diálogo. Em março de 2023, bispos da Amazônia colombiana, durante a visita *ad limina*, conversaram com Roche e com o Papa sobre o tema, recebendo o incentivo para “mergulhar, ser criativos, em comunhão com a Igreja”⁴⁴. Francisco lhes assegurou que não iria frear o processo e que, quando este

42 “Bispos discutem rito amazônico e ministerialidade: desdobramentos pós-sínodo”, *Repam*, 2020. Disponível: <https://repam.org.br/bispos-discutem-rito-amazonico-e-ministerialidade-desdobramentos-pos-sinodo/#:~:text=mo%20senho%20da%20grande%20tradi%C3%A7%C3%A3o,de%20elabora%C3%A7%C3%A3o%20do%20Rito%20Amaz%C3%B4nico>

43 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite/#:~:text=said%2C%20so%20for%20bishops%20in,at%20least%20starting%20the%20process>

44 *Ibid.*

tiver amadurecido, a Igreja universal o discerniria formalmente. Percebe-se, assim, um respaldo oficial para continuar⁴⁵.

A Ceama, com sua composição multinacional e sinodal (incluindo duas mulheres indígenas como vice-presidentas), parece ser o organismo indicado para coordenar os episcopados do Brasil, Peru, entre outros, nessa tarefa comum⁴⁶.

5.2 Propostas de adaptação litúrgica

Embora o rito amazônico definitivo ainda não exista, já foram propostas ideias concretas sobre como ele poderia ser. Com base nas contribuições das comunidades e especialistas, destacam-se as seguintes sugestões:

Línguas vernáculas e multilinguismo: celebrar nos idiomas indígenas onde for possível. Isso implica traduzir as partes fixas da Missa (Ordinário) para essas línguas – um trabalho grande, mas fundamental. Imagina-se, por exemplo, uma missa em ticuna, outra em yanomami, com os fiéis respondendo em sua própria língua. Em assembleias pluriétnicas, poderiam ser feitas leituras em vários idiomas (algo que já aconteceu no Sínodo, intercalando português, espanhol e línguas nativas). A liturgia da Palavra ganharia destaque: talvez com procissões da Bíblia acompanhadas de danças tradicionais, entronização da Palavra com flores da floresta, entre outros. Também se sugere incorporar a tradição oral: por exemplo, antes das leituras bíblicas,

45 *Ibid.*

46 Brian Roewe, "Amazon synod reverberates through Catholic Church five years later", *National Catholic Reporter*, 3 de abril de 2023. Disponível: <https://www.ncronline.org/earthbeat/faith/environment/amazon-synod-reverberates-through-catholic-church-five-years-later#:~:text=New%20church%20structures%20forming>

um ancião poderia contar brevemente um relato autóctone que dialogue com a mensagem (como já ocorre em algumas catequese indígenas).

Música e canto inculturado: incentivar que toda a música litúrgica seja com instrumentos autóctones (tambores, maracás, flautas de bambu etc.) e melodias próprias. Muitos cantos tradicionais amazônicos são responsoriais ou em forma de ladainha, o que pode ser adaptado facilmente – por exemplo, para as ladainhas dos santos ou para o Kyrie. Também se poderiam compor novas peças inspiradas na espiritualidade amazônica. Já existem orações cantadas em quéchua ou guarani em outras regiões; a Amazônia poderia oferecer as suas. O uso do silêncio e dos sons da natureza também foi proposto: por exemplo, iniciar a missa com um momento de escuta do som da floresta, como símbolo de escuta de Deus na criação.

Ritos de purificação com fumaça e água: em muitas culturas amazônicas, antes de uma cerimônia importante, realiza-se um rito de purificação com fumaça de ervas aromáticas ao redor das pessoas (algo semelhante ao incenso na liturgia romana). A Ceama estuda incorporar esse gesto no início da missa amazônica: que um ministro passe entre a assembleia com brasas queimando resinas ou plantas locais (como o copal, muito usado em rituais indígenas), para que a fumaça abençoe e purifique a todos⁴⁷. Isso poderia substituir o ato penitencial habitual, contextualizando-o culturalmente. Da mesma forma, o uso abundante da água possui grande valor simbólico (a água do rio como sinal de vida). Pen-

47 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=languages%20and%20spiritualities%2C,monolithic%2C%20they%20are%20so%20many>

sa-se em um rito de aspersão inicial mais destacado do que no rito romano, talvez acompanhado de cantos à água como dom de Deus. Essas práticas conectariam elementos rituais autóctones a sentidos cristãos (a fumaça como símbolo do Espírito Santo que purifica; a água como graça batismal renovada).

Ofertas e dons da terra: no ofertório, além do pão e vinho tradicionais, poderiam ser apresentados outros frutos da terra e da cultura local: mandioca, milho, frutos amazônicos, artesanatos, até mesmo símbolos como um remo (representando o trabalho comunitário no rio). Na missa de encerramento do Sínodo, já foi oferecida simbolicamente uma planta ao altar como sinal de compromisso ecológico⁴⁸. Um rito amazônico poderia institucionalizar que sempre sejam apresentados dons da criação (flores, frutos) em gratidão, enfatizando o aspecto cósmico da Eucaristia, onde toda a criação é oferecida ao Pai (QA 82).

Orações e mitos reinterpretados: poderiam ser compostas orações próprias (coletas, preces) com expressões locais. Por exemplo, em vez de uma petição genérica pelos governantes, rezar “por nossos caciques e líderes comunitários”; ou na oração eucarística incluir um agradecimento pela Amazônia, dom de Deus. Inclusive, como sugerem teólogos indígenas, poderiam ser aproveitados mitos locais: se um povo tem uma história ancestral sobre uma grande árvore da vida, essa imagem poderia ser usada para falar de Cristo na cruz como árvore da vida. *Querida Amazônia* (n. 74) incentiva a não descartar completamente os mitos, mas discernir neles o anseio por verdade (cf. QA 77-80). O 48 Carl E. Olson, “What’s wrong with an Amazonian Rite?”, *Catholic World Report*, 20 de mayo de 2020. Disponível: <https://www.catholicworldreport.com/2020/05/20/what-wrong-with-an-amazonian-rite/#:~:text=Image%3A%2020191027T0557,%28CNS%20photo%2FPaul%20Haring>

rito poderia incorporar elementos culturais em festas específicas: por exemplo, no Natal, utilizar uma analogia da cosmovisão amazônica sobre o nascimento da vida nova; na Semana Santa, vincular o sofrimento de Cristo aos sofrimentos atuais dos povos (por exemplo, com uma via-sacra com símbolos locais).

Estrutura ritual adaptada: estuda-se se a própria estrutura da missa romana precisa de ajustes. No rito zaireense, por exemplo, o abraço da paz é colocado no início, como gesto penitencial comunitário. Na Amazônia, algo semelhante poderia ser feito: um rito de reconciliação inspirado em formas indígenas de pedir perdão coletivo. Também poderia haver mais espaço para expressão comunitária espontânea: algumas comunidades têm o costume de compartilhar breves testemunhos durante o culto. Talvez após a homilia, o rito amazônico permita que alguns membros compartilhem como vivem aquela Palavra (algo já presente nas celebrações da Palavra conduzidas por leigos). Quanto aos sacramentos fora da missa, também haveria adaptações: no casamento, por exemplo, poderia ser integrado o rito nativo da troca de colares ou pinturas como sinal de união; na ordenação, talvez a entrega do bastão de liderança comunitária, além dos sinais tradicionais.

Espaços sagrados inculturados: embora não se trate diretamente da liturgia, está intimamente relacionado: a disposição das capelas e igrejas na Amazônia poderia refletir a cultura local. Por exemplo, celebrações ao ar livre em círculo (o formato circular tem forte significado em certas etnias, simbolizando igualdade); o altar feito de madeira local entalhada com motivos indígenas; a imagem de Maria com traços amazônicos (o tí-

tulo “Maria, Mãe da Amazônia” já foi mencionado no documento final). Os símbolos visuais ajudam a tornar a liturgia mais próxima. Após o Sínodo, foi consagrado no Peru o primeiro santuário amazônico (Nossa Senhora da Amazônia, em Puerto Maldonado), onde a arte sacra mescla elementos indígenas. Isso antecipa como o rito amazônico poderia ter também seu estilo artístico e estético próprios.

Descentralização pastoral: antropólogos que assessoram o processo sugerem inclusive “repensar a estrutura da paróquia” dentro de uma visão mais condizente com a realidade amazônica⁴⁹. Propõem que, em áreas urbanas onde há migrantes indígenas, o rito amazônico seja acompanhado de uma organização em pequenas comunidades ou redes de comunidades em vez da paróquia territorial tradicional, para manter a proximidade cultural. Embora essa proposta seja mais pastoral do que litúrgica, está ligada ao espírito do rito: não se trata apenas de mudar a missa, mas de configurar a Igreja de modo diferente – mais comunitário, menos vertical. As celebrações poderiam rodar entre diferentes comunidades ribeirinhas com seus próprios animadores.

Em síntese, o rito amazônico viria inserido em “novos caminhos pastorais” (daí o título do Sínodo), que incluem o redesenho de ministérios, de territórios pastorais flexíveis (por bacia hidrográfica, talvez, em vez de por limites políticos) e de uma presença eclesial enraizada nas culturas locais⁵⁰.

49 Brian Roewe, “Amazon synod reverberates through Catholic Church five years later”, *National Catholic Reporter*, 3 de abril de 2023. Disponível: <https://www.ncronline.org/earthbeat/faith/environment/amazon-synod-reverberates-through-catholic-church-five-years-later#:~:text=In%20a%20background%20document%20on%20structure%2C%20especially%20in%20urban%20areas>
50 *Ibid.*

5.3 Formação e sensibilização

Uma proposta essencial é formar tanto o clero quanto os agentes pastorais nessa visão inculturada. A Ceama tem organizado oficinas e congressos (por exemplo, em agosto de 2024 ocorreu em Manaus o V Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal), nos quais bispos, padres e leigos refletiram juntos sobre o rito amazônico⁵¹. Nesses espaços foram compartilhadas experiências locais bem-sucedidas de inculturação ou interculturalidade e buscou-se estabelecer critérios comuns.

Dom Neri, bispo de Juína (Brasil) e membro da Ceama, destacou nesse encontro que “muito se falou sobre isso e agora é hora de o rito se transformar em ocasião de reconciliação da Igreja com a Amazônia, com os Povos Originários...”, ressaltando que a ritualidade autóctone “é fonte viva de sua identidade... é questão de resistência e de sobrevivência” para esses povos⁵². Essas reflexões ajudam a convencer aqueles que ainda têm dúvidas e a entusiasmar as comunidades locais.

Algumas dioceses amazônicas já incluem em seus seminários cursos de liturgia inculturada e de línguas indígenas para os futuros sacerdotes – por exemplo, a prelazia do Xingu oferece aulas de Kayapó para seus seminaristas. Da mesma forma, catequistas indígenas estão sendo formados para explicar em suas aldeias as possíveis novidades rituais, evitando choques culturais ou sincretismos.

51 “V Encontro dos Bispos da Amazônia: a Igreja que se fez carne alarga sua tenda na Amazônia, memória e esperança”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2023. Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/642841-v-encontro-dos-bispos-da-amazonia-a-igreja-que-se-fez-carne-alarga-sua-tenda-na-amazonia-memoria-e-esperanca#:~:text=Primeiro%20dia%3A%20uma%20igreja%20em,sa%C3%ADda%20e%20o%20Rito%20Amaz%C3%B4nico>

52 *Ibid.*

Essa etapa formativa é indispensável para que, quando o rito amazônico se tornar realidade, encontre um terreno preparado – e não improvisado.

5.4 Experimentação local e gradualidade

Espera-se que a implementação aconteça de forma gradual. É provável que, num primeiro momento, sejam autorizadas celebrações experimentais em algumas áreas-piloto. Por exemplo, a diocese de São Gabriel da Cachoeira (Brasil), de maioria indígena, pode ser uma das primeiras a estreitar formalmente partes do rito amazônico, já que ali o bispo utiliza com frequência a língua nheengatu na liturgia. Essas experiências serão avaliadas ao longo do tempo.

A Igreja provavelmente publicará um *Ordo Missae Amazonicus ad interim* para ensaio, assim como ocorreu com o rito zairense nos anos 1970, antes de sua aprovação definitiva em 1988⁵³. Durante esse período de testes, ocorrerão correções, ajustes e eventuais purificações de excessos. A flexibilidade será essencial: não se busca uma perfeição imediata, mas deixar que o Espírito vá conduzindo o processo.

Nesse sentido, o Documento Final do Sínodo sugeria “incentivar a criatividade das comunidades” em vez de impor um esquema rígido de cima para baixo⁵⁴.

53 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=the%20creation%20of%20the%20Zairean,differences%20from%20the%20Roman%20Rite>

54 “Paulo Suess: fomentar o protagonismo dos povos da Amazônia e, com seu exemplo, contribuir no futuro da humanidade”, *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 2020. Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/630439-paulo-suess-fomentar-o-protagonismo-dos-povos-da-amazonia-e-com-seu-exemplo-contribuir-no-futuro-da-humanidade#:~:text=Paulo%20Suess%3A%20fomentar%20o%20protagonismo,A%20CEAMA%20foi%20uma>

5.5 Aprovação e integração eclesial

Finalmente, após estudos e consensos suficientes, o rito amazônico precisará da aprovação do Papa. Isso poderá ocorrer por meio de um decreto do Dicasterio para o Culto Divino. Francisco, dado o seu apoio público à iniciativa, respaldaria o resultado se percebesse que ele conserva a fé íntegra e conta com aceitação local. Quando isso acontecer, o rito amazônico passará a integrar o tesouro litúrgico da Igreja Católica.

É previsível que, num primeiro momento, seu uso seja circunscrito à Pan-Amazônia. No entanto, com o tempo ele poderá se expandir: por exemplo, comunidades amazônicas migrantes em cidades (como indígenas em Manaus ou até mesmo em São Paulo) poderiam celebrar em seu próprio rito. Também missionários amazônicos que visitem outras partes do mundo poderiam partilhar sua liturgia como sinal de comunhão. Tudo isso sob a premissa da unidade na diversidade: o Papa poderá determinar que os sacramentos celebrados no rito amazônico são válidos e lícitos, como qualquer outro dentro da Igreja Católica. Assim se consumaria o fato de que a Amazônia oferece um novo pulmão espiritual à Igreja global.

Em síntese, o caminho em direção ao rito amazônico está sendo trilhado com prudência, mas com decisão. As propostas concretas mostram um equilíbrio: manter a estrutura sacramental católica (Palavra, Eucaristia etc.), mas expressá-la com voz amazônica. Trata-se de uma experiência histórica da qual muito se pode aprender. A chave será não ter pressa, mas também não se estagnar. Como disseram os bispos colombianos após se encontrarem com o Papa: “agora trata-se

ao menos de iniciar o processo⁵⁵ – pode levar décadas, mas é preciso dar os primeiros passos. E esses passos já estão sendo dados, na forma de comissões, consultas e celebrações piloto.

Nas palavras de Paulo Suess, trata-se de “passar do evento ao processo”⁵⁶: o Sínodo foi o evento, agora vivemos o processo. Um processo que envolve toda a Igreja – por isso falamos deste tema num artigo para o público geral, pois não se trata de uma questão isolada da Amazônia, mas de um sinal dos tempos para a catolicidade como um todo.

CONCLUSÃO

O sonho de um rito amazônico católico nasce de uma necessidade profunda e legítima: que a Igreja anuncie e celebre o Evangelho de forma verdadeiramente significativa para os povos da Amazônia, respeitando e acolhendo suas riquezas culturais, espirituais e simbólicas.

Não se trata de misturar indiscriminadamente a fé com crenças pagãs, nem de criar uma “Igreja paralela”, mas sim de dar continuidade ao dinamismo da Encarnação: assim como o Verbo se fez carne em uma cultura concreta (a semítica), a Igreja – Corpo de Cristo na história – precisa se fazer cultura (carne) em cada povo, como dizia São João Paulo II: “*sem medo, mas com amor*”.

55 “Colombian bishops ask Vatican to consider creation of Amazonian rite”, *Detroit Catholic*, 2019. Disponível: <https://www.detroitcatholic.com/news/colombian-bishops-ask-vatican-to-consider-creation-of-amazonian-rite#:~:text=liturgical%20differences%20from%20the%20Roman Rite>

56 “Paulo Suess: fomentar el protagonismo de los pueblos de la Amazonía y contribuir con su ejemplo al futuro de la humanidad”, *ADN Celam*, 2020. Disponível: <https://adn.celam.org/paulo-suess-fomentar-el-protagonismo-de-los-pueblos-de-la-amazonia-y-contribuir-con-su-ejemplo-al-futuro-de-la-humanidad/#:~:text=Pasará%20del%20evento%20al%20proceso>

O rito amazônico, bem compreendido, seria a expressão litúrgica da interculturalidade evangelizadora. Nele, os povos (e suas culturas) deixariam de ser hóspedes em casa alheia e passariam a ser anfitriões da fé, celebrando a Deus com sua própria linguagem simbólica, sua música, sua memória espiritual e sua relação sagrada com a floresta. Seriam protagonistas do culto, realizando o desejo do Concílio Vaticano II de que todos participem de maneira “plena, consciente e ativa” da liturgia.

Os desafios existem – sincretismo, falta de ministros, resistências internas –, mas nenhum deles é intransponível. Ao contrário: os benefícios pastorais e espirituais podem ser imensos. Um rito amazônico pode fortalecer comunidades, reconciliar fé e cultura, inspirar vocações locais e mostrar ao mundo que a Igreja pode ser profundamente católica sem deixar de ser verdadeiramente amazônica.

Os debates acesos fazem parte de qualquer processo sinodal. Com paciência e diálogo, os equívocos se esclarecem. A experiência pós-Sínodo já mostra que é possível avançar sem romper a comunhão eclesial: a Ceama, os bispos amazônicos e o Papa caminham juntos, sob a luz do Espírito e do *sensus fidei* do povo de Deus.

O Magistério tem sido claro: *Querida Amazônia* pediu explicitamente “um esforço de inculturação da liturgia nos povos indígenas”, retomando o chamado do Concílio Vaticano II, e lamentou que pouco tenha sido feito em mais de cinquenta anos. Agora, finalmente, vemos um esforço sério e consistente para reparar essa dívida histórica. Como afirmou o teólogo indígena Eleazar López, a Igreja é plural e já não pode ser pen-

sada como uniforme. O rito amazônico será, assim, um sinal visível de uma Igreja de muitos rostos, unida no mesmo Cristo.

E tudo isso será feito *cum Petro et sub Petro* em plena comunhão com o Sucessor de Pedro. O Papa Francisco vê este caminho como legítimo e necessário, e isso dá garantia de continuidade: não é um modismo, mas parte da missão evangelizadora da Igreja no século XXI, em sintonia com a nova evangelização que integra cultura, justiça e fé.

O rito amazônico é, portanto, um desafio profético: deixar que a voz da Amazônia enriqueça a sinfonia católica. Isso exige humildade da Igreja para aprender com os povos aos quais ela antes apenas ensinava, e coragem dos povos amazônicos para assumir a fé como sua e expressá-la com liberdade criativa.

Se essa síntese for alcançada, a liturgia amazônica poderá ser, como dizia São Irineu, “o novo e o antigo” ao mesmo tempo: um rio onde se unem a Tradição apostólica e os afluentes culturais locais, formando um caudal espiritual mais amplo, que irriga a selva e o mundo.

Que o Espírito Santo, que falou em Pentecostes em todas as línguas, fale também em tikuna, em yanomami, em kokama, em nheengatu, glorificando o Deus de Jesus Cristo com múltiplos ritmos e sons.

Que Maria, venerada na Amazônia sob muitos títulos – especialmente como “Mãe da Amazônia” –, acompanhe esse processo com ternura.



E que assim, como diz o Salmo: “Tudo o que respira louve o Senhor”, possamos hoje acrescentar: que toda a Amazônia, com seu respirar verde, louve o Senhor em uma liturgia com alma indígena e coração católico.

José F. Castillo Tapia



Pe. José F. Castillo Tapia, SJ, jesuíta espanhol. Graduado em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidad Comillas (Madri, Espanha); em Educação pela Universidad de Granada (Espanha); possui Mestrado em Espiritualidade Inaciana pela Pontifícia Universidad Comillas; Mestrado em Educação pela Universidad Pontificia de Salamanca (Espanha); e Mestrado em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte.

Tem atuado em Camagüey (Cuba), acompanhando a pastoral da juventude e os camponeses. Atualmente, trabalha na Amazônia brasileira, acompanhando os povos indígenas.

ARTIGOS DE JOSÉ F. CASTILLO TAPIA REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Vicente Cañas, SJ \(Kiwxi\): Uma chama profética que desafia a Igreja do século XXI. Artigo de José F. Castillo Tapia](#)
- [A “Anexía”: o declínio da liderança inspiradora. Artigo de José F. Castillo Tapia](#)
- [O Movimento Terra Livre e o clamor dos povos indígenas: uma leitura teológica. Artigo de José F. Castillo Tapia](#)
- [Vicente Cañas: quando a justiça chega tarde, mas ainda grita com o clamor de um povo. Artigo de José F. Castillo Tapia](#)



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intelligite Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “Gloria Victis – ainda que tarde!” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus
- N. 177 A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética - Tina Beattie
- N. 178 Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano - Cláudio de Oliveira Ribeiro
- N. 179 “Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã - José Roque Junges
- N. 180 Ecologia integral e encarnação nos povos originários - José F. Castillo Tapia
- N. 181 Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada - João Melo

 UNISINOS